



Eduardo Duque
Coordenador Executivo do
Mestrado em Gerontologia
Social Aplicada da UCP

O IDOSO NA SOCIEDADE DO FUTURO

Cada sociedade teve os seus desafios e a sociedade de hoje, neste particular, não é diferentes das demais. Houve, porém, uma realidade que, em relação às sociedades antigas, mudou substancialmente e provocou grandes alterações nos padrões de vida: refiro-me à capacidade de previsão do futuro. À primeira vista, pode parecer que este assunto é de menor importância, mas, quando paramos para refletir, apercebemo-nos que esta questão abriu uma fenda na história e que interfere profundamente com a nossa vida e com a vida dos nossos idosos. No presente, vive-se de forma tão célere e agitada que o futuro pode esfumar-se nas tarefas do dia-a-dia. As novas tecnologias não são alheias a este fenómeno. Bem pelo contrário, contribuíram para o seu sucesso. A inovação ganhou velocidade. O que hoje se inventou amanhã está em desuso e passa a ser passado. Passado pobre porque nem história fez. E o que a história faz é narrar a vida no tempo. Ora, neste sentido, as sociedades antigas eram mais lineares, a história era mais lenta, as mudanças seguiam rumos expectáveis, o que permitia um futuro mais igual ao presente. Mas, no presente, não sabemos como vai ser o porvir, porque o futuro tornou-se espesso, com variáveis pouco previsíveis o que gera, naturalmente, muita incerteza, instabilidade e insegurança nas pessoas. Se paralelamente a esta sociedade - que não permite que se vislumbre o futuro - adicionarmos outros ingredientes como a celeridade com que tudo acontece, o pragmatismo com que se tomam decisões, a beleza da juventude como reduto da felicidade, o projeto racional em detrimento da alma sensível, que futuro estará reservado ao idoso como sujeito perscrutador da sabedoria? Terão os nossos idosos espaço - de respeito e de valor - na sociedade do futuro? Já percebemos que o presente não nos permite avançar muito, mas, ainda assim, em teoria, vale a pena dizer que não é possível viver sem a integração social dos idosos. Se isso acontecesse, a sociedade tornar-se-ia seca, sem memória e sem herança e a infância e a juventude, como espaços de transição para a vida adulta, ruíam, porque ficavam sem a fonte de alimentação e sem a corrente que os liga à terra. Então, se a ideia que guardamos do futuro é instável e incerta, os idosos do futuro, porque serão os guardiães da memória, terão que aprender a ser idosos. Aprender será a palavra de ordem na velhice do futuro.

Aprender é uma atitude a conseguir, uma postura a conquistar e uma maneira de viver. Aprender a ser velho é aprender a ser bom. É saber superar as divergências absolutas. É despegar-se da arrogância e das palavras duras! É saber libertar-se das dores que o oprimiram e valorizar o que sente, o que tem e com quem está. No futuro, chegar a velho, vai exigir levantar-se e servir, ter a força do exemplo e fazer com o coração. No futuro, ser velho, vai reclamar que cada um não se deixe morrer, que se abra a novas formulações e alternativas, que aceite a contingência como um elemento de oportunidade e não como um fracasso, que em vez de tentar combater os adversários desenvolva a disposição para tentar novos caminhos e explorar novas opções. O futuro vem ao encontro da nossa humanidade, daí a necessidade de o anteciparmos. Trata-se, portanto, de um jogo, onde todos os seres humanos jogam em relação e cujo resultado final ainda não está determinado. Por isso, no futuro, a velhice vai exigir muito treino, muito mais do que o que se pensa! E a teoria clássica já não dá respostas. Daí a necessidade um novo paradigma no entendimento de o “velho sábio”.

